

AS PEQUENAS CIDADES DA AMAZÔNIA SETENTRIONAL: UM ESTUDO SOBRE BONFIM – RR

CITIES OF THE AMAZON NORTHERN SMALL: A STUDY ON BONFIM – RR

LAS PEQUENAS CIUDADES DEL AMAZONIA SEPTENTRIONAL : UN ESTUDIO SOBRE BONFIM – RR

Tania Maria Sena Barbosa
Universidade Federal de Roraima
senabarbosa35@yahoo.com.br

Artur Rosa Filho
Universidade Federal de Roraima
artur.filho@ufr.br

Resumo

Esta artigo baseia-se em um estudo sobre as pequenas cidades da Amazônia Setentrional no contexto da reprodução do espaço. Diante disso, o objetivo geral foi realizar um estudo sobre a reprodução do espaço urbano nas pequenas cidades da Amazônia Setentrional, destacando a cidade de Bonfim como estudo de caso, no contexto de Roraima. Nessa perspectiva, buscou-se contribuir para o entendimento sobre as pequenas cidades da Amazônia visto que, ainda há poucos estudos sobre elas. Espera-se que esta pesquisa venha contribuir também para entender a natureza e as tendências da hierarquia urbana da região e as novas formas e funções do urbano nas pequenas cidades da Amazônia, aumentando assim, a pesquisa científica nas diferentes linhas, sobretudo na constituição da Ciência Geográfica.

Palavras-chave: Amazônia Setentrional, Pequenas Cidades, Reprodução do Espaço Urbano.

Abstract

This paper is based on a study of the small towns of the Northern Amazon, in the context of reproduction of urban space. Thus, the objective of this research was to conduct a study on the reproduction of urban space in the small towns of the Northern Amazon, highlighting the city of Bonfim as a case study in the context of Roraima. In this perspective, we seek to contribute to the understanding of the small towns in the Amazon, since there are few studies about them. It is hoped that this research will also help to understand the nature and trends of urban hierarchy of the region and the new forms and functions of urban small towns in northern Amazonia, thus increasing the scientific research in the different lines, particularly in the constitution of Geographic Science.

Keywords: Northern Amazon, Small Towns, Reproduction of Urban Space.

Resumen

Este artículo se basa en un estudio de las pequeñas ciudades de la Amazonia Septentrional en el contexto de la reproducción del espacio. Por lo tanto, el objetivo general era llevar a cabo un estudio sobre la reproducción del espacio urbano en las pequeñas ciudades de la Amazonía Septentrional, destacando la ciudad de Bonfim como caso de estudio en el contexto de Roraima. Desde esta perspectiva, hemos tratado de contribuir a la comprensión de las pequeñas ciudades de la Amazonía, ya que hay pocos estudios sobre ellos. Se espera que esta investigación también contribuirá a la comprensión de la naturaleza y tendencias de la jerarquía urbana de la región y las nuevas formas y funciones de las pequeñas ciudades de la Amazonía, por lo tanto el aumento de la investigación científica en diferentes líneas, sobre todo en la constitución de la Ciencia Geográfica.

Palabras clave: Norte del Amazonas, pequeños pueblos, Urbano reproducción espacial.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é, realmente, um país predominantemente urbano, que se urbaniza mais e mais, em grande velocidade (SOUZA, 2011). A urbanização é um acontecimento mundial, onde as dinâmicas espaciais acontecem rapidamente, cujos espaços urbanos estão em constante processo de produção e reprodução.

No caso do Brasil, esse crescimento urbano se intensificou a partir da década de 1960, quando mais de 50% da população brasileira tornou-se urbana, segundo as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1991). Até então o Brasil era considerado predominantemente rural. Essa mudança ocasionou uma transformação na estrutura urbana das cidades nas regiões brasileiras.

Segundo Santos (2012a), o Brasil antes da década de 1960, era um país basicamente agrícola. Hoje no seu quadro observa-se uma população urbana mais elevada que a rural, ocasionando assim novos estudos e pesquisas frente à dinâmica e conflitos existentes nas áreas urbanizadas, sobretudo, nas pequenas cidades.

Remetendo-nos à região norte, nesse período, a Amazônia foi à região brasileira que apresentou as maiores taxas de crescimento urbano na segunda metade do século XX: 3,5% da população total em 1970; 44,6% em 1980; 61% em 1996 e 69,07% em 2000. De ritmo galopante e tal proporção fundamentaram a sua concepção como uma floresta urbanizada (BECKER, 2009, p. 95). A autora destaca o seu diferenciado através de um estilo de urbanização que não se apresenta nas outras regiões do país, um deles é o crescimento urbano em áreas de menor densidade populacional.

A urbanização na Amazônia proporcionou um grande crescimento populacional, transformando as formas de ocupação e uso do solo. Esse crescimento se deu, sobretudo por parte do Governo Federal com argumento de segurança nacional. Havia a necessidade da proteção das fronteiras brasileiras, de modo que o governo mesmo implantou uma política essencial de ocupação dos espaços vazios, de integração da região ao território brasileiro e valorização da Amazônia, principalmente através de suas riquezas naturais, abrindo espaço para novas atividades socioeconômicas e viabilizando, ao mesmo tempo, alternativas de trabalhos.

O processo de urbanização intenso ocorrido na Amazônia levou ao surgimento de novas cidades, a maioria pequena. Muitas já existiam como vilas e com o crescimento urbano tornaram-se cidades. Hoje elas são predominantes na região.

Diante desse processo, as pequenas cidades se tornaram importantes, recebendo atenção especial por parte dos pesquisadores do espaço urbano das pequenas cidades. Dentro dessa conjuntura, Costa (2012b) procura definir que, “estas pequenas cidades, são pequenos aglomerados urbanos, com menos de vinte mil habitantes, que se emanciparam recentemente ou foram fundadas há muitos anos”. Na Amazônia muitas são as pequenas cidades surgidas nas últimas décadas.

Dentro dessa categoria, têm-se os municípios do Cantá-RR, Iranduba-AM, Tartarugalzinho-AP, Ponta de Pedras-PA e Bonfim-RR. Cada uma dessas pequenas cidades possui um destaque e uma importância pelas particularidades econômicas, sociais e nas transformações dos modos de vida que foram surgindo nesses lugares.

As dinâmicas urbanas regionais realizadas por essas pequenas localidades e a deficiência de bens e serviços que elas apresentam, tornaram-se os motivos de realização dessa pesquisa, uma vez que essas pequenas localidades se articulam a cidades maiores buscando suprir suas carências em serviços. Somam-se a isso, as problemáticas socioespaciais percebidas empiricamente na cidade destinada a essa pesquisa.

Entender as pequenas cidades, suas histórias, organização, estrutura, funções, podem fazer diferença na compreensão das médias e grandes cidades, ainda mais que são nelas que estão presentes grande parcela da população em geral. Atualmente, as pequenas cidades são consideradas temas que passam a ser discutidos, pesquisados e confrontados com os grandes e médios centros urbanos. No entanto, ainda há muito que se discutir sobre elas, principalmente na Amazônia Setentrional.

Roraima é o estado mais setentrional da Amazônia Legal, de acordo com o IBGE (2010), muitos de seus municípios são considerados como pequenas cidades por possuírem características que as remetem a essa categoria. Uma delas é o aspecto demográfico que corresponde a menos de 20.000 habitantes.

As pequenas cidades surgidas na Amazônia Setentrional, especificamente no estado de Roraima, tiveram sua formação ligada aos processos de produção do espaço regional, sobretudo, com a infraestrutura de abertura e construção das rodovias federais comum na Amazônia. BR-174 interligando Manaus a Pacaraima; BR-401 interligando Boa Vista a Bonfim e BR-210 (Perimetral Norte).

O período entre as décadas de 1970 a 1990 representa um marco para o desenvolvimento do estado de Roraima e as rodovias tiveram uma contribuição significativa para o surgimento de novos municípios, gerando assim um grande fluxo migratório para o estado.

O estudo sobre o desenvolvimento do espaço amazônico, sobretudo das pequenas cidades, desponta como um novo cenário de urbanização que surgiu nas últimas décadas nesse espaço, já que no país, a região da Amazônia foi a que apresentou maior taxa de urbanização, em ritmo acelerado do que as demais regiões.

Como objetivo geral, esta pesquisa visa realizar um estudo sobre as pequenas cidades da Amazônia Setentrional, destacando Bonfim como estudo de caso, no contexto de Roraima. O espaço urbano e sua formação são objetos de estudo da geografia, que aborda a constante reconfiguração do espaço total, social, e seus diversos recortes, aprendendo sua dinâmica, seus problemas e contribuindo, a partir da visão geográfica, com subsídios para o planejamento urbano. Os problemas urbanos são preocupações importantes para a ciência geográfica.

As mudanças ocorridas no processo de urbanização nos últimos séculos provocaram profundas transformações espaciais. Corrêa (2011) destaca, os agentes sociais da produção do espaço como responsáveis e estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista.

Para Carlos (2008a, p. 32), o homem, nesse contexto, é um ser social agente da vida econômica e da produção do espaço, que tendo por base as relações sociais, realiza modificações no quadro econômico-político e social. Ainda pensando a discussão sobre a estruturação do espaço urbano, Souza (2011, p. 65) aprofunda esta questão evidenciando que:

Uma cidade ao crescer vê aumentarem as distâncias, e a combinação de densidade demográfica, distância em relação ao centro e renda da população faz aparecer importantes subcentros de comércio e serviços, o que evita que os moradores dos diferentes bairros precisem, necessariamente, se deslocar para o centro principal da cidade.

No âmbito de uma cidade, no caso Bonfim que ao longo dos últimos anos, teve um crescimento populacional significativo, tendo como um dos fatores que influenciam no crescimento demográfico destaca-se a migração. Entretanto, a qualidade da infraestrutura, o acesso limitado a bens de consumo na cidade e a carência de oportunidades de trabalho levantam questões importantes quanto aos impactos sociais e ambientais da expansão da cidade ocasionada por essas migrações.

Materiais e Método

A metodologia que norteia o desenvolvimento de uma pesquisa, expressa a maneira que o pesquisador busca para atingir suas metas, no sentido mais compreensivo e abrangente, já que os valores, concepções, sentimentos, entendimentos, significados estarão subentendidos e perpassados pelo que for pesquisado. Para a ciência, ela tem um papel fundamental, propondo aos pesquisadores meios para alcançar um objetivo.

A metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos (DEMO, 1985, p. 19).

A pesquisa utilizou-se do método qualitativo que, em geral, torna-se necessário na medida em que o paradigma, conjunto de teorias que guiam a pesquisa do estudo, admita a multiplicidade do pensar e agir do pesquisador.

O método é o instrumento que ampara o pesquisador na construção do processo de conhecimento do objeto pelo sujeito, não existe como entidade simples e desconectada da realidade científica. Para Santos (2008b) o método é “um conjunto de proposições – coerentes entre si – que um autor ou um conjunto de autores apresenta para o estudo de uma realidade, ou de um aspecto da realidade”. O autor destaca que não há método eterno, todo método é passível de modificações.

A pesquisa bibliográfica é uma das etapas fundamental em qualquer trabalho científico vindo influenciar todas as demais etapas de uma pesquisa, dado que ao se determinar o embasamento teórico este irá fundamentar o trabalho. A operacionalização dos dados dividiu a pesquisa em fases.

Os conceitos foram fundamentados nas obras de geógrafos renomados e autores de áreas afins como: Bertha Becker, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Ana Fani Alessandri Carlos, Eliseu Savério Sposito, Sandra Lencioni, Rui Moreira, Paulo Fernando Jurado da Silva, Saint Clair Trindade Júnior, Sandra Maria Fonseca da Costa, Carlos Walter Porto Gonçalves, Paulo Rogério de Freitas Silva, Rafael da Silva Oliveira, Antonio Tolrino de Rezende Veras, dentre outros.

Definidas as matrizes teóricas, buscou-se na segunda fase constitui um levantamento de fontes secundárias, tais como dados estatísticos da pesquisa feita pela Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (SEPLAN, 2014) sobre o município de Bonfim, dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), via Censo demográfico, referentes aos anos direcionados à pesquisa. Dados no Ministério da defesa (Secretaria de Política, Estratégia e Assuntos internacionais. Departamento de Política e Estratégia), Ministério da Integração Nacional (Secretaria de Programas Regionais - SPR. Faixa de Fronteira: programa de promoção do desenvolvimento da faixa de fronteira - PDFF. Brasília).

A terceira fase esteve alicerçada na coleta de informações em fontes primárias, através do trabalho de campo. A pesquisa de campo é um instrumento de trabalho essencial ao Geógrafo. É através dela que os trabalhos científicos tornam-se enriquecedores, uma vez que a partir das observações e das coletas de dados, juntamente com os conhecimentos e concepções, o pesquisador é conduzido a reflexões e análises sobre o objeto em estudo.

Deste modo, com intuito de observar “in loco” a problemática em questão, elaborou-se um questionário, instrumento de pesquisa, com questões específicas sobre a temática desta investigação, a qual se constitui na base das entrevistas realizadas.

O questionário foi estruturado de forma padronizado para todos os entrevistados, uma vez que o mesmo garante, desta forma, maior controle nas respostas, inclusive no resultado da pesquisa. A pesquisa quantitativa é mais adequada para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos questionados. Foram aplicados 100 questionários com 36 questões aos moradores, estes foram distribuídos nos bairros da cidade.

Após investigação, os dados coletados foram analisados e interpretados, sendo resumidos e discutidos em forma de tópicos junto ao texto.

O início das atividades com os trabalhos de campo deu-se no mês de outubro, novembro e dezembro 2014, com aplicação de questionários, observações e aquisições de fotografias dos espaços urbanos em estudo. O trabalho de campo objetivou o conhecimento da área urbana de Bonfim, bem como a observação, além de fotografias da organização e composição da cidade.

O resultado do trabalho foi satisfatório na medida em que se teve um primeiro contato, observação e análise da organização do espaço urbano. Foi possível com o resultado compreender como se deu a (re) produção do espaço urbano da cidade através de seus diversos agentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As discussões e pesquisas referentes às pequenas cidades no Brasil cresceram nos últimos anos, e os estudos vêm sendo abordados por várias ciências e pesquisadores. Na geografia urbana, muitos são os geógrafos que demonstraram interesse com estudos direcionados a essa temática, visto que, atualmente no Brasil há um número muito grande dessas cidades.

O que seriam essas pequenas cidades? Costa¹ (2012b) descreve que, “estas cidades são pequenos aglomerados urbanos, com menos de vinte mil habitantes que se emanciparam recentemente ou foram fundadas há muitos anos”. Elas apresentam diversas particularidades dependendo do contexto regional em que se encontram, tiveram suas origens relacionadas com a expansão do capital e com as novas formas dadas ao espaço, geradas por grandes projetos, pelas revoluções tecnológicas e pela divisão técnica do trabalho.

Moreira (2007, p. 82) destaca que:

A cidade nasce a partir da divisão social do trabalho, que surge com o aperfeiçoamento das técnicas, possibilitando um aumento da produtividade do trabalho. Com a geração dos excedentes na produção, parte da população se disponibiliza para a realização de atividades não agrícolas.

A respeito dessa questão, Corrêa (2011, p. 6) oferece contribuição a este debate quando descreve que,

A pequena cidade é entendida como um núcleo de povoamento no qual certa parte da população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços. A parte da população engajada em atividades agrárias é maior ou menor e isto pode levar a se pensar em um “continuum” rural-urbano, sem um rígido limite entre núcleos urbanos e núcleos rurais.

Para Figueiredo (2008) não existe ainda entre os pesquisadores, um consenso sobre o que seria uma pequena cidade e que critérios deveriam ser utilizados para a sua classificação.

Há uma variação de critérios para a classificação das cidades, Sposito (2008, p. 16) aponta que no Brasil, toda sede de município é considerado uma cidade. O auto consiste em ressaltar o Decreto Lei nº 311 de 2 março de 1938, que, em seu Art. 3º determina que, “A sede do município tem a categoria de cidade e lhe dá o nome”. Ela também é constituída pela área urbana do distrito sede e delimitada pelo perímetro urbano estabelecido por lei municipal.

Ainda segundo Sposito (2008, p. 17), essa diversidade de critérios e referências para se definir o que é uma cidade, varia de acordo com cada país. “[...] mesmo que tenhamos outros critérios adotados em diferentes países, eles sempre se baseiam ora nos dados demográficos, ora nos limites administrativos”. A Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo, considera urbano qualquer agrupamento humano com mais de 20 mil habitantes.

No Brasil, o número das pequenas cidades é bem expressivo. Segundo o IBGE (2000) existia 5.507 cidades das quais 4.980 possuíam uma população de até 50.000 habitantes, a dimensão das cidades normalmente é medida através do contingente populacional, ou ainda do número de habitantes. Porém, os estudos mostram dificuldades para se classificar e definir critérios para determinar o que é uma pequena cidade.

¹ COSTA, S. M. F. “A importância das pequenas cidades na rede urbana da Amazônia: um estudo comparativo entre Ponta de Pedras, PA, e Bonfim, RR” 2012, 21 p. Projeto de pesquisa a ser submetido ao Cnpq.

Baseado no Estatuto das Cidades que estabelece as diretrizes gerais da política urbana através da Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001, e no IBGE (2010) que classifica as cidades quanto ao porte é considerado o número populacional. Considera-se vila os assentamentos com menos de 2.000 habitantes, já as cidades pequenas, médias e grandes a partir dos seus contingentes populacionais definindo assim: as pequenas cidades como sendo aglomerado populacional inferior a 100.000 habitantes. Desse número, até 500.000 habitantes é nomeado de cidades médias e acima de 500.000 habitantes, denominadas de grandes cidades, este critério tem sido adotado pelo IBGE e pela maioria dos estudos que abordam esse assunto.

Para caracterizar os critérios de pequenas cidades, na pesquisa utilizou-se de dados do IBGE e autores que estudam o conceito delas, não evidenciando a penas o fator demográfico mais também fatores econômicos, políticos e sociais.

Praticamente não se pode deixar de considerar a contagem populacional quando se quer pensar sobre o que se denominou de pequenas cidades, mas por outro lado, não se pode partir unicamente deste dado. Ao relacionar os elementos que classifiquem as cidades em pequenas, podem-se considerar as expressões de funcionalidades específicas de cada localidade, pois, mesmo que se enquadrem em uma mesma faixa de número de habitantes, há, ainda, muitas especificidades entre estes espaços.

Segundo Santos (2010, p. 117) que cita o termo “cidades locais” referindo-se aos aglomerados populacionais com uma extensão mínima, que “deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações do espaço”, respondendo às “necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações”.

Essas cidades apresentam papéis importantes no seu desenvolvimento urbano local e, muitas vezes, regional, visto que os equipamentos urbanos são necessários para elas, principalmente para gerar uma melhor qualidade de vida a sua população. Equipamentos urbanos aqui são todos os bens de utilidade pública destinada à prestação de serviço indispensável ao funcionamento de uma cidade. O autor considera que nas “cidades locais”, os poucos equipamentos são suficientes para atender à dinâmica da população.

Após esta explanação, fica evidente o uso do termo “cidade locais” para aquelas cidades localizadas em regiões que se modernizaram ou que apresentam transformações espaciais em função principalmente dos avanços tecnológicos.

O estudo das pequenas cidades, cujos papéis embora não seja em âmbito mundial, estão inseridas em redes urbanas e também desempenham funções econômicas significativas, menores sim, porém importantes, para a região (MANFIO E BENADUCE, 2011).

Observando alguns estudos sobre as pequenas cidades, verifica-se que muitas delas têm passado por processos que as levam a perder papéis, já em outros casos, conseguem incorporar novos papéis e certo dinamismo. É o caso de Juazeiro do Norte, no Ceará através de atividades religiosas; outra é Ponta de Pedras no Pará, que tem na agropecuária a sua atividade predominante, mas se destaca como o segundo município brasileiro na produção do açaí, contribuindo na economia local, e Parintins na cultura do “festival folclórico

de Parintins” um dos maiores eventos populares da região Norte do Brasil. Nesse sentido, destaca também Coutinho (2011, p. 86),

As cidades pequenas não se restringem somente à dimensão local, nem menos podem ser caracterizadas apenas como espaços destinados ao abastecimento das necessidades básicas da população residente nas áreas rurais que fazem parte dos municípios, nos quais os centros urbanos estão localizados, isso porque na era das redes aumenta o poder de articulação entre as cidades, incluindo as de pequeno porte, mesmo em menor proporção, quando comparadas com os grandes centros.

Essas pequenas cidades são vistas como uns núcleos de povoamentos, no qual a população está dividida em diferenciadas proporções: atividades ligadas ao setor urbano e atividades rurais. Isso faz com que, elas sejam caracterizadas como uma transição, com uma maior integração do rural-urbano, sem que haja um rígido limite entre elas. Santos (2012b) ressalta que para ser uma pequena cidade não basta ser um núcleo urbano, mas deve haver um padrão dominante no que diz respeito à presença da função político-administrativa.

Nota-se que não se possui um padrão para definir as pequenas cidades, e sim diversas formas de entendê-las. Apesar de serem bastante representativas no quadro total das cidades brasileiras, elas, hoje, na região Amazônica, tornam-se a maioria.

O Censo Populacional, IBGE (2000), contabilizou mais de 638 cidades-sedes de municípios com menos de 20.000 habitantes ou aproximadamente 85% do total das cidades-sedes na região. Em 2010, as cidades com menos de 20 mil habitantes representavam 64% do total (COSTA, 2012a, p. 60).

A todo o momento cada pequena cidade com suas especificidades se readaptam a uma nova realidade para atender às novas e constantes mudanças pelas quais a sociedade está passando. Tendo em vista o crescimento e as mudanças das pequenas cidades da Amazônia, destacando a sua articulação em rede urbana e reconhecendo o seu papel na estruturação, elas tiveram e têm muito a contribuir com o desenvolvimento da Amazônia setentrional.

A realidade brasileira e a localização dessas cidades nos levam a entender que as mesmas se apresentam de suma importância para o país. Santos (1988, p. 46) explana que, “as cidades pequenas ou grandes, enquanto lugares, são singulares e uma situação não é semelhante a outra, e cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem ser comuns a vários lugares”.

Portanto, a importância das cidades pequenas se faz tanto em escala regional quanto nacional. Para Sposito (2008, p. 34) a solução, enfim, é entender as diferentes dinâmicas que se articulam nos espaços urbanos, sejam eles de cidades pequenas, médias ou grandes. Sabendo que esses espaços são constantemente alterados visando à viabilização da vida cotidiana.

A Amazônia Setentrional é uma extensa área na região Amazônica constituída por características de natureza geográfica, sendo uma delas a sua localização: situada em grande parte no hemisfério norte (Figura 1). É uma imensa região, com 1,4 milhão de quilômetros quadrados (17% do território do país), compreende

parte do estado do Amazonas com 33 municípios, os 15 municípios do estado de Roraima, 10 municípios do Pará e os 16 do estado do Amapá, abrangendo 74 municípios, 41 deles situados total ou parcialmente na *Faixa de Fronteiras*². Abriga apenas 2,7 milhões de habitantes e nela vivem 25% dos indígenas do Brasil. Possui 7, 4 mil quilômetros de fronteiras, com o Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (BECKER, 2009, p. 67). Esse espaço da Amazônia é considerado o mais setentrional.

Figura 1 – Mapa da Amazônia Setentrional



Fonte: Programa Calha Norte (PCN) adaptado pelo autor – 2014

Nela também está inserido o Projeto Calha Norte (PCN), como parte dos programas que o governo federal criou para ajudar na segurança nacional da extensa fronteira da Amazônia. O PCN foi implantado em 1985, situado ao norte das calhas do rio Solimões, e do Amazonas ao longo das fronteiras com Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (BECKER, 1998, p. 80).

² *Faixa de Fronteiras* - A Faixa de Fronteira, segundo a atual Constituição, é de até 150 km, e é considerada fundamental para defesa do território nacional, sendo que sua ocupação e utilização são reguladas em lei. A lei nº6. 634 de 2 de maio de 1979 regulamenta a Faixa de Fronteira, cujo regulamento está disposto no Decreto nº 85.064/80.

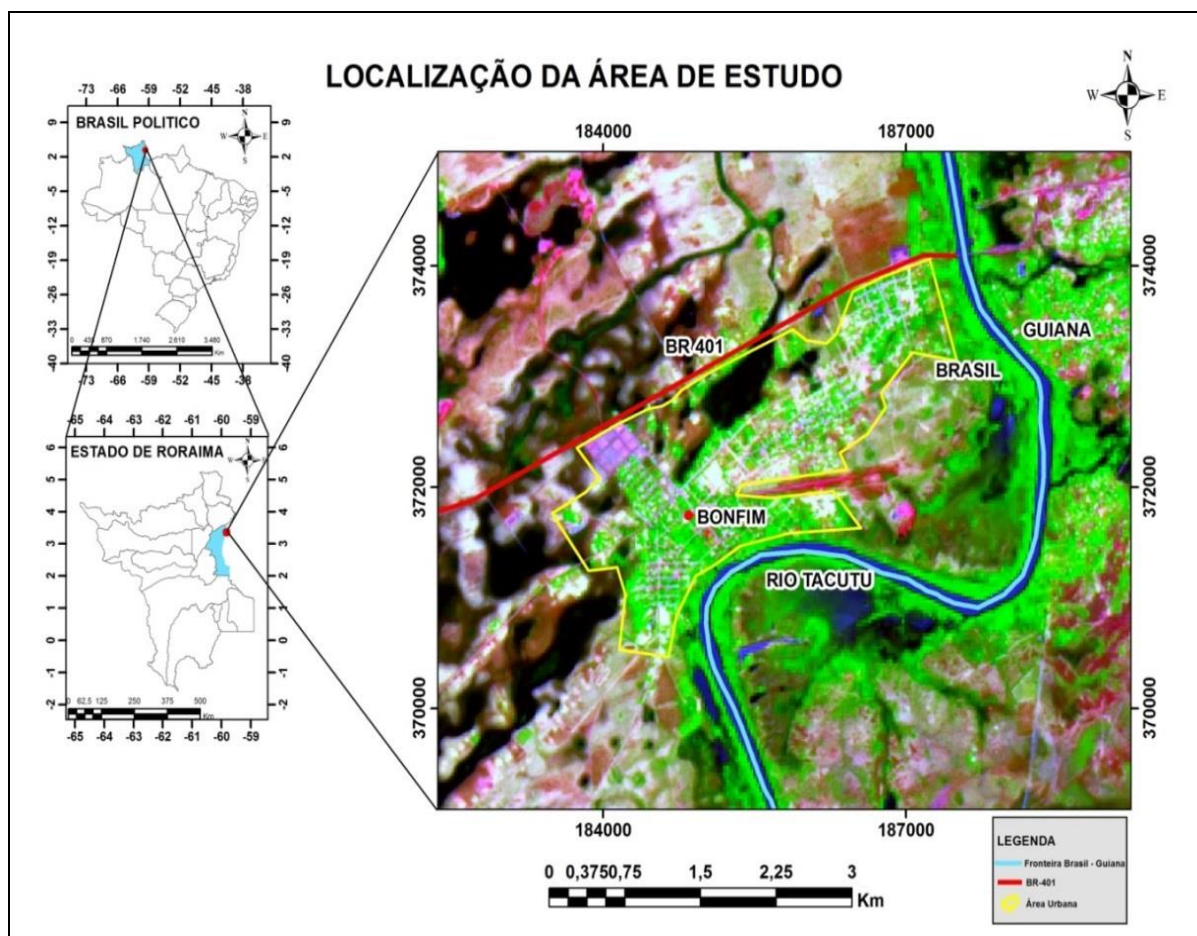
Sendo o Projeto Calha Norte, como já citado, de ordem estratégica, por intensificar a presença brasileira na fronteira e privilegiar sua ocupação, através das iniciativas do governo federal brasileiro para estimular uma maior articulação com os países vizinhos.

3 BONFIM UMA PEQUENA CIDADE NA AMAZÔNIA SETENTRIONAL

O município de Bonfim, segundo dados do IBGE (2010), está situado na porção Centro-Oriental do estado de Roraima, na mesorregião Norte, microrregião Nordeste. Limita-se ao Norte com o município de Normandia; ao Sul com o município de Caracará; a Oeste com Boa Vista e Cantá e a Leste com a República Cooperativista da Guiana.

Ocupando uma área de 8.095,420 km² que corresponde a 3,61% do território de Roraima, com densidade demográfica de 1,35 hab./Km², localizado à margem esquerda do rio Tacutu. Possui uma área de limite internacional com a Guiana de 964 Km² – faixa considerada de segurança nacional, e de posição estratégicas às relações internacionais (IBGE, 2010). No mapa abaixo (Figura 2), pode ser verificado a localização da área de estudo.

Figura 2 – Mapa de localização da cidade de Bonfim



Fonte: Elaborado pelo autor - 2013

A população do município é de aproximadamente 10.943 habitantes entre zona urbana e rural. Desse total, 3.711 pessoas vivem na zona urbana e 7.232 na zona rural³ (IBGE, 2010). A composição étnica da população é formada por brancos, índios, caboclos, mulatos e negros.

A cidade de Bonfim encontra-se a 125 km de Boa Vista capital do estado, o acesso é pela BR-401. Os municípios mais próximos que interliga a sua sede são: Normandia 90 km e o município do Cantá 130 km.

Bonfim, localizado no Nordeste do estado de Roraima, teve seu surgimento na última década do XIX através de um grupo de nordestinos possivelmente procedentes de alguma fazenda fundada às margens do rio Branco e de seus afluentes, seu nome é uma homenagem ao Nosso Senhor do Bonfim (estado da Bahia) proferido pelo senhor Manoel Luiz da Silva (SILVA, 2007, p. 107).

Ainda, segundo Silva (2007, p. 108), “entre 1910 a 1920, surgiram os primeiros núcleos de comércio que atendiam à demanda de carne, parte da República Cooperativista da Guiana”. Demonstrando assim um crescimento econômico e demográfico principalmente através da expansão da pecuária nessa área.

Separado pelo rio Tacutu da antiga Guiana Inglesa, mais precisamente da cidade de Lethem, a expansão agrícola e pecuária determinou seu crescimento. O começo da produção agropecuária, com gado proveniente da fazenda São Marcos, se deu no princípio do século XX com a criação da primeira fazenda de gado de propriedade de um ex-militar que prestou serviços no Forte de São Joaquim, o pernambucano Antônio Vicente da Silva (SILVA, 2007, p. 108).

Mas foi a partir das décadas de 1930 a 1960, que o município apresentou uma taxa de crescimento demográfico bem significativo. Várias famílias chegaram e ali formaram uma pequena vila. As atividades com o garimpo surgido na região contribuíram para que a mesma tivesse um crescimento econômico e urbano bem expressivo, outra contribuição veio com a implantação da rodovia BR-401 ligando Bonfim à capital Boa Vista.

Após 1964, no período militar, havia por parte do governo federal, uma preocupação com as fronteiras da região Amazônica com os países vizinhos. Com o argumento de uma segurança nacional, deu-se início, com prioridade máxima, a ocupação da Amazônia.

Por outro lado, é importante salientar a relação entre Bonfim e Lethem, que segundo Silva (2007, p. 73) destaca a importância do município como um ponto de defesa nacional do país.

Bonfim e Lethem estão divididas pelo rio Tacutu, tendo uma interação que se reflete nas relações comerciais de bens de primeira necessidade. Bonfim, desde 1960, quando se instalou o Primeiro Pelotão Especial de Fronteira, mantém um processo de guarda na fronteira internacional.

Bonfim foi um dos municípios que recebeu incentivo e preocupação por parte da federação nacional. Segundo Silva (2007, p. 109), em 1965 ocorreu a instalação do 1º Pelotão Especial de Fronteira, que dinamizou com a presença das famílias dos militares o pequeno mercado local. Isso levou à construção de

³ A zona Rural do município de Bonfim é constituída também pelas áreas indígenas.

obras que contribuíram para o desenvolvimento, tais como a pista de pouso, o quartel do pelotão e uma vila militar.

Ainda por parte do governo federal, com o objetivo de priorizar o povoamento nas áreas de fronteiras sobressaem-se as políticas de assentamentos com o objetivo de formação de grupos populacionais provindas da migração de outras regiões, principalmente do nordeste que se via castigado pela seca. Isso veio contribuir para o crescimento da população, demonstrando um período de um progresso relevante para o município.

No entanto, somente em 1982, a vila passou à condição de município no dia 1º de julho, através da lei federal nº. 7009. A sede de Bonfim encontra-se ainda conurbada à cidade guianense de Lethem, constituindo uma aglomeração urbana transnacional. As duas cidades encontram-se separadas apenas pelo rio Tacutu, sobre o qual passa a ponte Brasil - Guiana, numa extensão da BR-401. São consideradas ainda como cidades gêmeas⁴, segundo Becker (2009), já que suas sedes municipais estão localizadas na faixa de fronteira, cidades vizinhas.

Como explica Becker (2009, p. 60) existe um fluxo pendular, entre as cidades gêmeas de Bonfim e Lethem, representado pelo deslocamento de residentes da Guiana para trabalhar e

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: A PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE BONFIM-RR

A partir do processo de urbanização, a cidade passa a reunir um conjunto de funções que vão definir os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais, demonstrando a realidade e os anseios de seus moradores.

As diversidades de sistemas de produção existentes em um espaço urbano são produzidas por vários fatores. Estes sistemas compõem dinâmicas de relações infinitamente complexas e diversas, em que cada parte do todo envolvido não pode ser analisada separadamente, mas sim através de suas interpenetrações com os demais fatores atuantes que compõem esta realidade.

Na busca de compreender como se deu o desenvolvimento de Bonfim, os dados primários foram coletados no campo por meio de um questionário aplicados diretamente a população, o mesmo veio demonstrar a percepção dos moradores sobre o município. Ao todo foram aplicados 100 questionários, um universo de 3,5% da população do núcleo urbano.

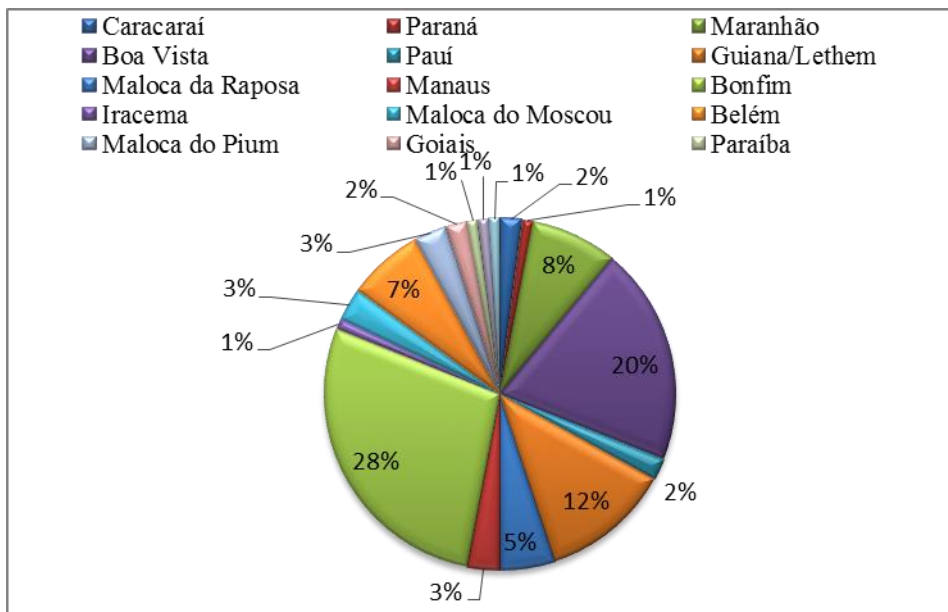
Através dos questionários foi possível obter informações importantes para a elaboração dos gráficos e tabelas, oferecendo clareza à própria pesquisa, com dados sobre a expansão urbana do município em diversos aspectos. Bonfim está dividido espacialmente nos seguintes bairros: São Francisco, Centro, 13 de Maio, Cidade Nova, Getúlio Vargas e 1º de Julho.

⁴ Art. 1º Serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações "condensadas" dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL GABINETE DO MINISTRO - PORTARIA Nº 125, DE 21 DE MARÇO DE 2014 - DOU de 24/03/2014 (nº 56, Seção 1, pág. 45).

Bonfim no decorrer da década de 1970 até hoje se percebe a ocorrência da expansão urbana do município visivelmente através dos novos bairros. Na (Figura 3), perguntou-se localidade de origem dos entrevistados, muitos nasceram em Bonfim outros não, chegaram como aventureiros e/ou em busca de oportunidades.

Figura 3 – Local de Nascimento



Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Verifica-se, portanto que através da (Figura 9), que 28% das pessoas entrevistadas declararam que nasceram em Bonfim, 20% em Boa Vista, Lethem na Guiana 12%, do Maranhão 8%, Belém 7%, Maloca da Raposa 5%, Maloca do Moscou, Maloca do Pium e Manaus 3% cada, Caracarái, Piauí e Goiás cada cidade com representatividade de 2%, Paraná, Iracema, Paraíba, Mucajaí e Monte Cristo/BV a penas 1% cada. Dos entrevistados a grande maioria nasceu no estado de Roraima, mais preciso do próprio município de Bonfim e de outros municípios que compõe o estado.

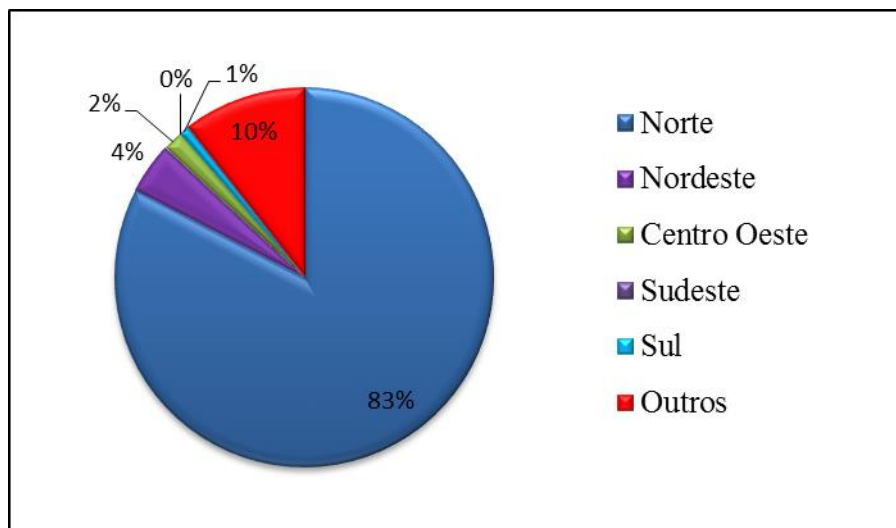
Durante as entrevistas, observou-se que 12% dos entrevistados, afirmaram ter nacionalidade estrangeira, pais sendo guianense e os filhos brasileiros, outros que um dos cônjuges é estrangeiro.

Foi Constatado também, que dos moradores que nasceram em Bonfim seus pais vieram das regiões nordeste e centro-oeste do país. Esses chegaram à década de 1970, 1980 migraram na esperança de conseguirem um pedaço de chão para habitar, alguns conseguiram ter uma pequena terra com plantações (agricultura familiar), mas residem na cidade por conta dos estudos dos filhos, outros também destacaram que sua vinda para Bonfim estava ligada ao garimpo.

Por fim, houve aqueles entrevistados cuja vinda para Bonfim se deu através de convites de parentes e amigos já residentes no município. O argumento era que Bonfim seria lugar bom para se viver. Esses foram os principais fatores do deslocamento desses moradores.

A (Figura 4), a seguir, mostra que houve uma variedade de respostas a respeito da residência dos entrevistados, antes de morar em Bonfim.

Figura 4 – Residência anterior



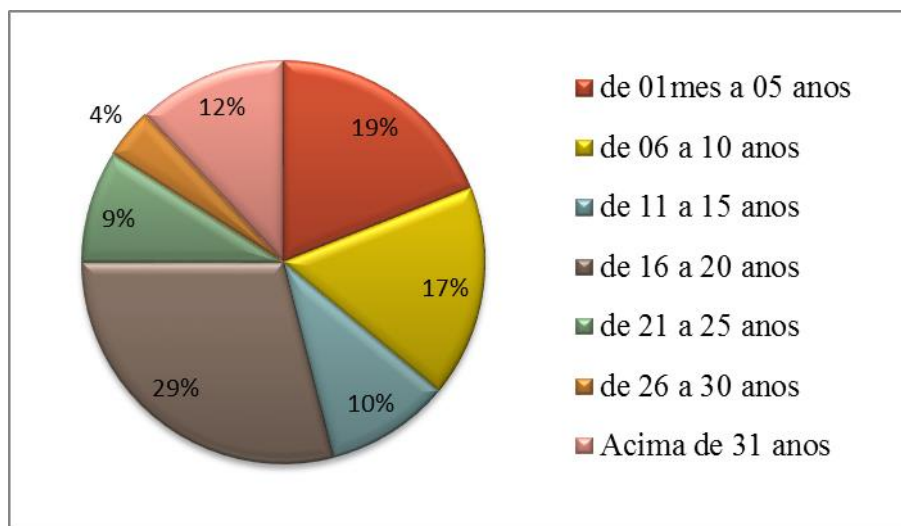
Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Questionados sobre onde residiam antes de vir morar em Bonfim, houve uma diversidade de resposta, isso porque Roraima é um estado constituído por uma grande migração de pessoas oriundas de vários estados brasileiros. Alguns moradores quando perguntados sobre esta questão lembraram sua cidade natal e que “chegaram a Bonfim sem nada e hoje, mesmo sendo uma cidade pequena sem muitas perspectivas é aqui que estamos criando os filhos” e vieram em busca de um pedaço de terra, outros chegaram por conta dos garimpos.

Destacamos nesse itinerário, categoria histórico-social espaço de experiência e horizonte de expectativa, no intuito de alargar a compreensão da história da formação da cidade, por meio dos questionários/entrevistas pôde perceber o significado da importância de possuir um lugar para morar, já que a maioria que lá se encontram a residência é própria. Muitos desses moradores participaram do período de ocupação. Olhar para trás e perceber que o objetivo da conquista da propriedade foi alcançado dá a esses homens e mulheres uma alegria, o sentimento de fazer parte da história da cidade. As narrativas foram sendo construídas ao passo que procurávamos fazer emergir as lembranças dos acontecimentos que marcaram a vida dessas pessoas nesse construto histórico-social.

Com base nas informações da (Figura 4), os entrevistados foram agrupados por regiões: vindo do norte 83%, o maior número vão para os que residiam em Boa Vista, depois vem os que nasceram em Bonfim; do nordeste 4%; centro oeste 2%; sul 1%; do sudeste não teve entrevistados, já do país vizinho Guiana – cidade de Lethem 10%. Foi indagado na sequência, há quanto tempo (anos) residem em Bonfim (Figura 5).

Figura 5 – Tempo de residência



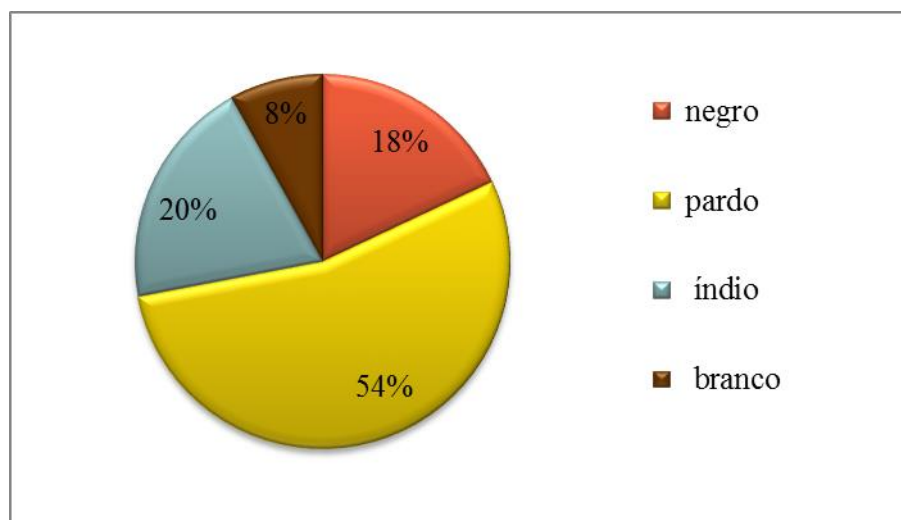
Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Perguntados na entrevista, há quanto tempo os mesmos residem Bonfim (Figura 5), 29% responderam de 16 a 20 anos; 19% de 01 mês a 05 anos; 17% entre 06 a 10 anos; 12% a cima de 31anos; 10% de 11 a 15 anos; 9% de 21 a 25 anos e 4% de 26 a 30 anos.

O tempo de moradia também indica a relação que essa população tem com o local, demonstrando um significado para o morador que o incorpora à própria identidade. Podemos afirmar que há uma relação topofílicas, estudada por Tuan (1980), entre os moradores de Bonfim com sua residência.

Foi possível ver através das três primeiras perguntas que há um processo de migração dentro da própria região, com maior numero de migrante procedente do estado de Roraima. Vale ressaltar ainda que o processo de migração para Bonfim de toda parte do país e da Guiana, ocasionou uma mudança na composição étnica da população, através da (Figura 6), é possível observar essa composição.

Figura 6 – Quanto à etnia se identifica como:



Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Culturalmente, identifica-se uma diversidade étnica em Bonfim, de forma que cada etnia se expressa com sua singularidade, manifestando-a e concretizando-a de forma distinta nesse espaço. A composição étnica da população do município é formada por índios, caboclos, negros e brancos.

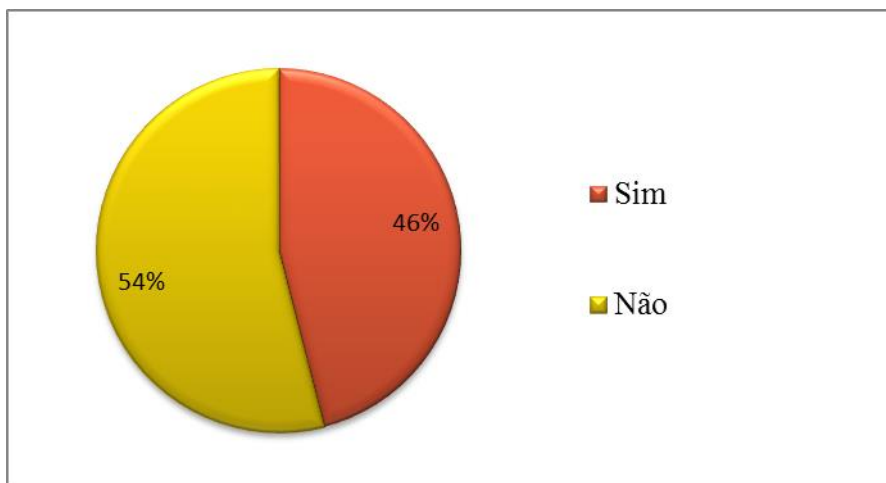
A (Figura 6) mostra a representação das pessoas entrevistadas quanto a sua etnia, 54% se consideram pardos; 20% índio - foi possível observar uma representatividade de pessoas indígenas residindo na cidade, segundo o IBGE (2010b) a população indígena se encontra situada tanto na sede como nas comunidades indígenas.

Dos entrevistados com etnia indígena, alguns não queriam se identificar, muito embora, fossem visíveis suas características. Nesse sentido, dialogou-se com os mesmos, sensibilizando-os da importância de que a população indígena contribui para a região e informando-os ainda, dos direitos que possuem como as demais pessoas. Ao serem entrevistados sobre qual o motivo de residirem em Bonfim, os mesmos relataram que a cidade favorece maiores possibilidades de escolaridade, saúde e trabalho, embora muitos deles fossem trabalhadores autônomos.

Já 18% dos entrevistados, se consideram negro um grupo proveniente da Guiana, pois na cidade há muitas pessoas do país vizinho que trabalham em Bonfim e outros que residem. Enquanto os que se consideram brancos foram apenas 8%.

É importante frisar que, nestes investimentos públicos, as casas seguem um padrão arquitetônico estabelecido pelos programas, os mesmos já vêm acompanhados de toda a infraestrutura básica, como água tratada, energia elétrica, vias pavimentadas e iluminação pública. Durante as entrevistas foi perguntado se pudesse escolheria outro lugar para morar? (Figura 7).

Figura 7 – Se pudesse escolher moraria em outro local?



Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

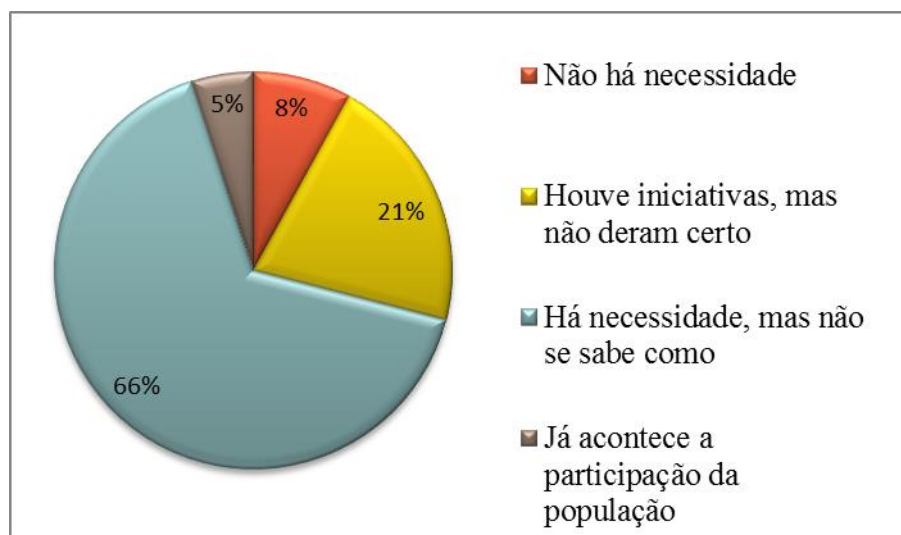
Quando questionados, se eles pudessem escolher outro lugar para morar, e onde eles morariam, os resultados foram: 46% (Figura 7) responderam que sim. As respostas demonstraram que os moradores que gostariam de morar em outro lugar, são os moradores mais jovens e os mais recém-chegados, os que têm menos de 10 anos de moradia em Bonfim. Um número expressivo optou morar em Boa Vista, Manaus ou

Guiana. Esses moradores reclamaram da violência, do descaso do poder público e, principalmente da falta de oportunidades de empregos.

Já 54% responderam que não gostariam de morar em outro lugar. Percebeu-se que esta resposta foi de moradores mais antigos que gostam do lugar, essa porcentagem demonstra um grau de satisfação muito bom por parte dos moradores, mesmo sendo uma pequena cidade, os mesmos demonstraram conhecimento da região e um sentimento de afetividade com a cidade.

Eles relataram que é um lugar tranquilo, e que depois da pavimentação da BR-401, houve um crescimento considerável de todo o município sem dizer que, tornou-se mais fácil o acesso às cidades mais próximas, principalmente para Boa Vista. A população urbana incorpora papel importante no desenvolvimento de uma cidade. Na (Figura 8) apresentam a opinião, quanto à participação da população na gestão da cidade?

Figura 8 – Quanto à participação da população na gestão da cidade



Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

O planejamento urbano de uma cidade depende de um conjunto de políticas públicas com finalidades de construir mecanismos permanentes de democratização no planejamento urbano municipal, isso diz respeito ao plano diretor da cidade. O Plano Diretor⁵ só vale quando é feito e colocado em prática com a participação da população, essa participação garante que a lei saia do papel, notando que, o plano ajuda a organizar o crescimento e o funcionamento da cidade.

Quando a cidade não possui um plano diretor, poucas são as regras do Estatuto que podem ser usadas. A nova Constituição veio assegurar uma maior autonomia aos municípios, assim como maior

⁵ O Plano Diretor é o instrumento básico de política urbana, obrigatório para municípios com mais de 20 mil habitantes, integrantes de regiões metropolitanas ou de aglomerações urbanas, integrantes de áreas de especial interesse turístico, inseridos em área de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental de âmbito regional ou nacional (ESTATUTO DAS CIDADES, 2001).

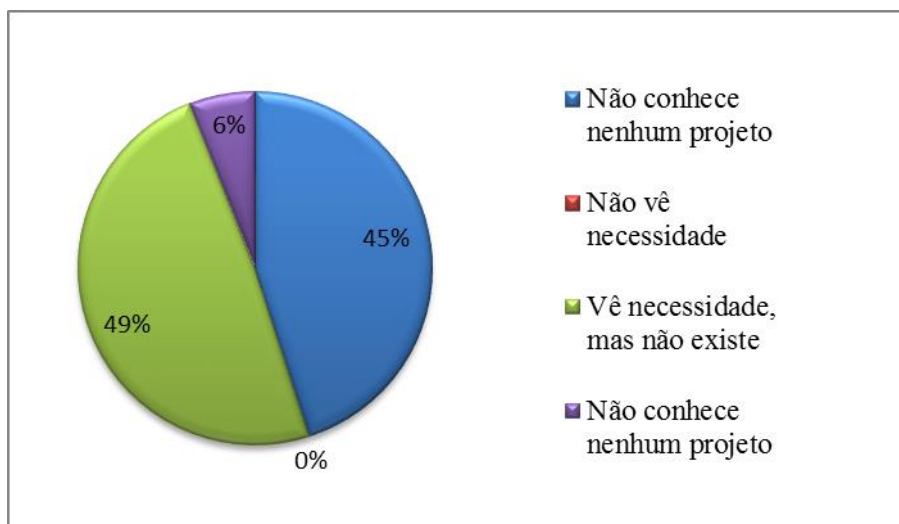
liberdade para a gestão local. Cada cidade precisa ter um Plano Diretor para que todas as regras do Estatuto da Cidade sejam aplicadas.

Bonfim ainda não possui seu plano diretor, mas isso não impede que no planejamento urbano da cidade haja a participação de seus cidadãos, os mesmos têm o direito e o dever de exigir que seus gestores venham a construir uma cidade mais justa e bonita. A partir dessa concepção, perguntou-se sobre a participação da população na gestão da cidade.

Através do resultado apresentado na (Figura 8), constatou-se que a maioria dos entrevistados, 66% responderam, que há necessidade de uma participação mais ativa da população, mas não se sabe como; 21% houve iniciativas mais não deram certo, 8 % não há necessidade já que existem pessoas preparadas e escolhidas para gestar e planejar ações que venham desenvolver e beneficiar a todos os moradores da cidade e 5% confirmou que já acontece a participação da população, através de protesto por algo que não iria beneficiar a toda comunidade. Mas de modo geral não participam.

As informações da (Figura 9) referem-se à inserção da juventude nas políticas de emprego e renda, sendo que a mesma revelou uma situação preocupante em Bonfim.

Figura 9 – Quanto à inserção da juventude nas políticas de emprego e renda



Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Com base nas entrevistas foi verificado que 49% (Figura 9), responderam veem necessidade, mais não existe, pois não há ainda um trabalho feito por parte de políticas públicas locais para atingir esse público. Segundo alguns moradores há no município um corredor do tráfico de drogas, de modo que há pontos de venda assim como violência. Disseram, ainda, que o tráfico de drogas está sendo um dos maiores problemas do município, é algo preocupante, apresentando grande evidência na cidade, tendo a juventude como seus principais usuários.

A resposta dos moradores foi bem enfática, pois 45% disseram não conhecer nenhum projeto que favoreça o desempenho e a qualificação dos jovens. No entanto 6% dos entrevistados afirmaram que existe, citaram o PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) é um programa que

visa incentivar e qualificar o jovem para o mercado de trabalho e outros programas realizados pela prefeitura local, porém que não atingem esse público e nem essa finalidade.

Ainda dentro do contexto problema do município, a (Tabela 1) explana os itens sobre a percepção dos entrevistados quanto à preocupação nesta cidade.

Tabela 1 – Quanto à preocupação nesta cidade

	Não preocupa	Preocupa pouco	Preocupa	Preocupa muito
Futuro dos jovens	1%	6%	13%	80%
Qualidade da educação	2%	7%	45%	46%
Segurança	8%	9%	48%	35%
Condições da moradia	18%	32%	36%	14%
Saneamento básico	3%	9%	19%	69%
Assistência à saúde	3%	6%	35%	56%
Desemprego	2%	2%	18%	78%

Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Como demonstram os dados acima da (Tabela 1), sobre o item futuro dos jovens - a maioria dos entrevistados 80% responderam que preocupa muito, todos veem a necessidade de realizarem programas para envolver os jovens e estimular para um futuro promissor, visto que, hoje, devido ao tráfico de drogas, a juventude do município é o principal alvo, deixando seus familiares aflitos e preocupados, uma vez que o município não oferece nada para ocupação dos jovens, muito menos para a recuperação daqueles que são usuários de drogas.

Outro dado que podemos destacar nesta tabela com um alto grau de preocupação é o desemprego 78%. O município não tem perspectiva quanto a empregos, poucas são as empresas e, o comércio local, não supre a necessidade, sendo a produção agrícola a que mais oferece oportunidade de emprego. Para os entrevistados a alternativa seria o funcionamento da ALC que, com certeza, traria muito mais emprego e desenvolvimento à cidade.

Em seguida, vem à questão do saneamento básico. Dos que foram questionados, 69% dizem que preocupa muito. O saneamento básico é visto como um dos embasamentos de infraestrutura de qualquer cidade, que precisa apresentar como um avanço na qualidade de vida das pessoas. Este compreende sistema de tratamento de água, coleta e tratamento de resíduos sólidos e líquidos, além da questão da drenagem urbana.

Alguns entrevistados responderam que preocupa outro que preocupa pouco, tendo em vista que, para alguns, existe rede de esgoto na rua de sua casa, entretanto, esta rede não funciona porque ainda não está interligada aos domicílios, a maioria afirmou não ter rede de esgoto.

Há mais um item importante da tabela, trata-se da assistência à saúde. De acordo com os questionários aplicados na cidade, pode-se constatar a insatisfação dos moradores em relação à saúde local, 56% apontam que preocupa muito. O município possui apenas um hospital, e que a quantidade de leito hospitalar para atender à demanda da população é mínima, visto que o hospital funciona com baixo nível de equipamentos, insuficiência de recursos financeiros, assim como materiais e funcionários qualificados para manter os serviços de saúde operando com eficiência.

Sobre a segurança, 48% asseguram que preocupa e 35% que preocupa muito. Em Bonfim também a população se sente insegura devido, principalmente, à questão de fronteira e ao tráfico de drogas.

A educação existente em Bonfim, segundo os entrevistados, abrange todos os níveis. Mesmo que tenham escolas, creches, ensino superior, muitas estão precisando de reformas, materiais pedagógicos, merenda entre outros. Por esses motivos, 46% das pessoas entrevistadas disseram que preocupa muito e 45% que preocupa.

Por fim, a condição da moradia como já foi descrito na (Figura 16). A maioria tem casa própria, quem sabe seja o motivo de 36% responderem que preocupam, e 32% preocupam pouco. Muitos dos entrevistados lembraram aqueles que ainda não possuem sua casa própria.

Do mesmo modo a (Tabela 2) expõe os itens citados quanto à situação da prestação dos serviços na cidade.

Tabela 2 – Quanto à situação da prestação dos serviços neste lugar, responda:

	Não satisfaz	Satisfaz pouco	Satisfaz	Satisfaz muito bem
Transportes coletivos	69%	23%	8%	
Escolas	15%	27%	56%	2%
Fornecimento de água	21%	36%	42%	1%
Rede de Esgoto	86%	9%	5%	
Coleta de Lixo	23%	30%	47%	
Espaços para Lazer	56%	36%	8%	
Oferta de emprego e renda	86%	12%	2%	
Posto de Saúde	31%	37%	31%	1%

Fonte: Elaborado pelo autor 2014.

Analisando a (Tabela 2), destaca-se a questão do transporte coletivo isto porque a maioria, 69%, afirmou que não existe, por isso não satisfaz, outros 23% satisfaz pouco lembrando que fora o transporte intermunicipal há o transporte escolar (ônibus). Foi citado, ainda, que no município a bicicleta é o meio de transporte mais utilizado pelos moradores, seguido do carro e das motocicletas.

Referente às escolas, 56% dizem, o município dispõe de uma boa estrutura na rede de ensino público, abrangendo todos os níveis de escolaridade desde: creches, ensino infantil, fundamental até o ensino superior. Ressaltando que a falta de infraestrutura em alguns desses estabelecimentos deixa a desejar.

O fornecimento de água para o município é feito pela CAER – companhia de águas e esgotos de Roraima. Ao serem questionados, 42% responderam que o fornecimento de água satisfaz que o abastecimento é de boa qualidade, suprimindo a necessidade dos moradores. Entretanto, um número considerado, 36% disseram que satisfaz pouco, pois ultimamente a falta de água é constante e os moradores ficam à mercê desse serviço e 21% afirmam que não satisfaz. Observou-se que o abastecimento de água cobre quase todos os domicílios da cidade, ressaltando ainda que as residências que não possuem água encanada para suprir a falta, os moradores se utilizam da prática de perfuração de poços no quintal.

Foi perguntando aos moradores sobre a rede de esgoto e 86% afirmaram que não satisfaz, pois foi constatado através das entrevistas que em alguns bairros como o Centro e Getúlio Vargas, apesar de terem rede de esgoto instalada nas ruas, a mesma ainda não funciona, pois não existe ligação com as residências e nem rede de tratamento na cidade.

Conforme os dados coletados sobre a coleta de lixo na cidade, para 47% satisfaz, enquanto que, 30% responderam satisfaz pouco e 23% não satisfaz. Aqueles que consideram que satisfaz, falaram que as coletas acontecem regulamente duas vezes por semana, já os que responderam que satisfaz pouco, às coletas são feita uma vez por semana e os que disseram não satisfaz afirmaram não haver coleta de lixo nas ruas de suas casas.

Com base nas entrevistas sobre a forma de lazer existente na cidade, 56% afirmaram que os espaços para o lazer não satisfazem, pois não há espaços adequados de lazer que venha atender das crianças aos idosos. Por falta desses espaços o único lazer é ficar assistindo TV em casa ou buscar diversão em outros lugares. Para 36% responderam que, as formas de lazer satisfazem pouco, pois as praças, os parquinhos e os espaços públicos de lazer existente na cidade estão deteriorados, precisando de reparos, mas mesmo assim são utilizados, principalmente por crianças e jovens.

A pesquisa mostra que a oferta de emprego e renda, para 86% dos entrevistados não satisfaz. Eles argumentam que a falta de geração de emprego é um dos grandes problemas que a população enfrenta. Dos entrevistados, mais da metade, possuem renda familiar de um salário mínimo, outros com menos de um salário mínimo e há também os que só recebem os benefícios, como Bolsa Família.

Aos serem entrevistados sobre posto de saúde, 37% disseram que satisfaz pouco. Eles percebem que os que têm são mínimos e não atendem a toda a população de forma satisfatória. No entanto, trata-se de um dos serviços essenciais para uma população, visto que muitas vezes atende pacientes do país vizinho como das comunidades próximo da sede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo realizar um estudo sobre a (re) produção do espaço urbano nas pequenas cidades da Amazônia Setentrional, destacando Bonfim como estudo de caso no contexto de Roraima.

Nos últimos anos, a região Amazônica foi quem mais decretou o surgimento de novas pequenas cidades, alterando assim a sua paisagem. A Amazônia Setentrional assistiu em sua extensa área, o surgimento dessas pequenas cidades. O estado de Roraima apresenta nesse contexto, muitas cidades consideradas como pequenas, mas cada uma traz particularidades desenvolvidas por diversos agentes que contribuíram e contribuem para a reprodução desses espaços.

Ao conhecer um pouco mais sobre Bonfim, saber que o embrião da cidade surgiu ainda no século XIX questionei: porque ela, ainda é uma cidade estagnada economicamente, sendo ela também uma cidade de fronteira? Foi dessa forma que surgiu a necessidade de conferir a história da reprodução do espaço urbano da cidade e tentar entender esse processo até os dias de hoje.

Para isso, buscou-se uma metodologia que abrangeu uma pesquisa bibliográfica, auxiliando na formação dos conceitos básicos referentes à temática da pesquisa, conceitos fundamentados nas obras de geógrafos renomados e de outros autores de áreas afins. Tudo isso foi necessário para entender sua importância e definir uma análise mais profunda sobre o tema proposto. Em seguida, constituiu-se um levantamento de fontes secundárias, tais como dados estatísticos feitos pela Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (SEPLAN), e, dados censitários do (IBGE), entre outros.

A etapa seguinte se deu por meio de pesquisa de campo “*in loco*”, com o objetivo de coletar informações acerca do crescimento urbano da cidade, o papel dos agentes que produziram e reproduzem este espaço. O trabalho de campo ajudou a conhecer a área urbana de Bonfim, observar a organização e a composição da cidade.

Através da realização deste trabalho, reconheceu-se que Bonfim, se encontra na categoria de pequenas cidades, já que no Brasil os critérios utilizados são o político- administrativo e demográfico apontado pelo IBGE, que classifica a cidade quanto ao porte considerando o número populacional: para categoria de vila os assentamentos com menos de 2.000 habitantes, cidades pequenas, médias e grandes definindo assim, as pequenas cidades como sendo aglomerado populacional inferior a 100.000 habitantes. Desse número, até 500.000 habitantes é nomeado de cidades médias e acima de 500.000 habitantes, denominadas de grandes cidades, este critério tem sido adotado pelo IBGE e pela maioria dos estudos que abordam esse assunto.

Essas cidades sobrevivem de uma infraestrutura precária e de serviços públicos que deixam a desejar e são dependentes ainda de recursos repassados do Fundo de Participação do Município e recursos provindos da União. De acordo com a pesquisa na sede o principal rendimento de muitos moradores vem do programa bolsa família.

Deste modo este estudo vem mostrar que no decorrer dos anos, a falta de políticas públicas voltada para o planejamento urbano de Bonfim, veio contribuir para o cenário que hoje é visto na cidade. A demanda por serviços básicos como infraestrutura, saúde, educação e emprego é muito grande.

Dessa forma, enfatizou-se o atrelamento da decisão política sobre as questões econômicas na definição de investimentos na cidade e a difícil superação das dificuldades socioeconômicas em espaços não privilegiados por interesses políticos no município.

A cidade de Bonfim possui muitas características das pequenas cidades da Amazônia, com toda carência e dependência. Ela apresenta estrutura urbana precária, que a identifica como pequena cidade.

As cidades sejam elas, médias, pequenas ou grandes tornam-se lugar das residências, da prestação de serviços, do comércio, das atividades produtivas e da administração, criando espaços diferenciados de acordo com a ocupação e apropriação realizadas pelos diversos agentes sociais, já que as cidades ao longo de seu processo de produção espacial passaram a ser vista como espaço de mais conforto, status social, bem estar e também com maiores possibilidades de saúde, educação, emprego e lazer.

Portanto, percebe-se que Bonfim, como uma cidade pequena, através de sua administração, tem tudo para melhorar os seus serviços, sua infraestrutura, pois ela oferece perspectivas atraentes em desenvolvimento para cidade, principalmente o estado através da ALC e do Turismo.

Compreende-se que seja necessário aprofundar os estudos sobre pequenas cidades, principalmente as que constituem o estado de Roraima, já que a literatura das mesmas ainda é incipiente para levantamentos bibliográficos. Que esta pesquisa possa contribuir para aumentar as referências sobre este tema que é tão importante no contexto da reprodução do espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, J. N. S. dos; VERAS, A. T. de R; SENHORAS, E. M. Contexto e perspectiva socioeconômica da cidade fronteira de Bonfim – RR. In: ROSA FILHO, A.; BESERRA NETA, L. C. (Org.). **Bonfim: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2013. p. 205-234.

BECKER, B. K. Uma hipótese sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.40, n.1, p.111-122, 1978.

_____. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 172 p.

_____. **AMAZÔNIA**. São Paulo: Ática. 1998. 112 p.(Série Princípios).

_____. **Fronteira e Urbanização Repensadas**. Revista Brasileira de Geografia, 51 (3-4): p. 357-371, 1985.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais - SPR. **Faixa de Fronteira: programa de promoção do desenvolvimento da faixa de fronteira - PDF**. Brasília, 1995. 66 p.

_____, _____. GABINETE DO MINISTRO - PORTARIA Nº 125, DE 21 DE MARÇO DE 2014 - DOU de 24/03/2014 (nº 56, Seção 1, pág. 45).

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. 104 p. (Repensando a Geografia)

_____. **A (re) produção do espaço urbano**. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008. 270 p.

CORRÊA, R. L. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-51.

_____. As Pequenas Cidades na Confluência do Urbano e do Rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 30, p. 05 - 12, 2011.

COSTA, S. M. F. *et al.* **Pequenas cidades do estuário do rio Amazonas: fluxo econômico, crescimento urbano e as novas velhas urbanidades da pequena cidade de ponta de pedras**. REDES - Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 56 - 74 maio/agos. 2012a.

COSTA, S. M. F. “**A importância das pequenas cidades na rede urbana da Amazônia: um estudo comparativo entre Ponta de Pedras, PA, e Bonfim, RR**” 2012b, 21 p. Projeto de pesquisa a ser submetido ao Cnpq.

COUTINHO, S. A. **Perfil, relações e necessidades: uma breve análise sobre as cidades pequenas**. Geo Textos, vol 7, n.1, p. 83 - 104 jul. 2011.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.120 p.

FIGUEIREDO, V. D. M. **Pequenos municípios e pequenas cidades do estado do Rio Grande do Sul: contrastes, perfil do desenvolvimento e de qualidade de vida, 1980-2000**. Rio Claro, 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas [s.n.].

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo online (1991)**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 out. 2013.

_____. **Cidades**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 set. 2012.

_____. **Estados**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rr>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

_____. **Formação administrativa de Bonfim.** Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/d-detelhes.php?ind=35924>>. Acesso em 26 jul. 2014.

MANFIO, V; BENADUCE, G. M. C. **A (re) estruturação urbana e o desenvolvimento local da pequena cidade de nova palma/rs.** In: I Simpósio de Estudos Urbanos: Desenvolvimento Regional e Dinâmico Ambiental, 2011.

OLIVEIRA, R. da S. As transformações na configuração politico-administrativa do estado de Roraima: um panorama a partir da implantação do federalismo. In: SILVA, P. R. de F; OLIVEIRA, R. da S (Org.). **Roraima 20 anos: geografias de um novo Estado.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2008, p. 47-87.

SANTOS, E.R.C. **Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas.** Presidente Prudente, 2012a. 276 p. Tese (doutorado) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.

_____. **Urbanização e rede urbana na Amazônia setentrional amapaense/AP.** Revista Formação Online, n. 19, volume 2, p. 107 -131, jul./dez., 2012b.

SANTOS, M. **A Urbanização Desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos.** 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 2010. 144 p.

_____. **Espaço e Método.** 3ª. ed. São Paulo: Nobel, 2008. (Coleção Espaços). 120 p.

_____. **A Urbanização Brasileira.** 5ª. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.176 p.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informal.** 5ª. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 176 p.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: HUCITEC, 1988. 136 p.

SILVA, P. R. de F. **Dinâmica territorial urbana em Roraima – Brasil.** 2007. 329 p. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Área de concentração: Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, P. R. de F. Espaço e tempo na fronteira Amazônica. In: SILVA, P. R. de F; OLIVEIRA, R. da S. (Org.). **Roraima 20 anos: geografias de um novo Estado.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2008, p. 15-44.

SOUZA, M. Simpósio de Estudos Urbanos I: Desenvolvimento Regional e Dinâmica Ambiental. 2011, Paraná. **A (re) estruturação urbana e o desenvolvimento: local da pequena cidade de nova palma/RS.** Paraná, 2011.

SOUZA, M. L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 192 p.

SPOSITO, E. S. **Redes e cidades**. São Paulo: UNESP, 2008. 161 p.

SPOSITO, E. S.; JURADO DA SILVA, P. F. **Cidades Pequenas: Perspectivas Teóricas e Transformações Socioespaciais**. Jundiaí: PACO, 2013. 148 p.

TRINDADE JÚNIOR, S. C. et al. da Espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia ribeirinha: mudanças e permanências a jusante do rio Tocantins. **ACTA Geográfica, Ed. Esp.** Cidades na Amazônia Brasileira, 2011, p. 117-133.

TRINDADE JÚNIOR, S. C.; TAVARES, M. G. da C. (Orgs). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008. 218 p.

VERAS, A. T. de R. **A produção do espaço urbano e Boa Vista-Roraima**. 2009. 235p. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Área de concentração: Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.